



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA**

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS

BACHARELADO EM HUMANIDADES

RUTHE DE PAULA DIAS

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO RACIAL: UMA
PESQUISA-AÇÃO NUMA ESCOLA DE REDENÇÃO-CE**

REDENÇÃO-CE

2015

RUTHE DE PAULA DIAS

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO RACIAL: UMA
PESQUISA-AÇÃO NUMA ESCOLA DE REDENÇÃO-CE**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rebeca de Alcântara e Silva Meijer.

REDENÇÃO-CE

2015

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira

**Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da UNILAB (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

G392p Dias, Ruthe de Paula.

Práticas pedagógicas de combate à discriminação racial: uma pesquisa-ação numa escola de Redenção-CE / Ruthe de Paula Dias. – Redenção, 2015.

61 f.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador (a): Profa. Dra. Rebeca de Alcântara e Silva Meijer
Inclui Referências.

1. Discriminação na Educação – Brasil. 2. Brasil – Relações Raciais. I. Título.

CDD 305.896981

RUTHE DE PAULA DIAS

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO RACIAL: UMA
PESQUISA-AÇÃO NUMA ESCOLA DE REDENÇÃO-CE**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rebeca de Alcântara e Silva Meijer.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Rebeca de Alcântara e Silva Meijer. (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Vera Regina Rodrigues da Silva.

Prof.^a Dr.^a Geranilde Costa e Silva.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais que sempre me ensinaram a importância da educação, e me incentivaram a nunca desistir dos meus estudos e dos meus sonhos, por isso esse trabalho só foi realizado graças ao apoio e estímulo deles.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que dá sentido a minha vida, que me sustenta e me dá forças para vencer as batalhas, e que me dá esperança nos momentos de dificuldade.

À minha família, em especial aos meus pais Francimar e Mirian, pelo esforço para que eu pudesse ingressar e permanecer na universidade e pelo incentivo para que eu pudesse terminar o curso. Agradeço também aos meus irmãos Debora e Lucas pelo imenso carinho que sempre me deram. Todos vocês são muito importantes na minha vida.

Aos amigos que fiz durante essa caminhada em especial à Eliza, Vânia, Tatiana, Ailton, André, Mickael, Gutemberg e Nayane, pelos momentos de felicidade e pelo companheirismo.

Agradeço a importante presença do Ronilson na minha vida e para a efetivação desse trabalho. Obrigada por ser meu amigo, conselheiro, companheiro e por estar sempre ao meu lado e por apoiar todas as minhas decisões.

Agradeço a Angerline, Aline, Lucineide e Lucivânia que moraram comigo desde o início do curso, obrigada pelo o apoio de todas vocês.

Agradeço a escola, aos alunos e alunas, professores e todos que colaboraram com a pesquisa.

A todos os professores da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, em especial à orientadora deste trabalho, professora Rebeca de Alcântara e Silva Meijer, pela paciência e dedicação.

RESUMO

Práticas pedagógicas de combate a discriminação racial: uma pesquisa-ação numa escola de Redenção-Ce.

Este trabalho intitulado “Práticas pedagógicas de combate à discriminação racial: uma pesquisa-ação numa escola de Redenção-Ce.”, teve como objetivo analisar até que ponto, algumas intervenções pedagógicas realizadas numa escola de ensino médio podem transformar, ou não, a realidade escolar no tocante a discriminação racial. Tendo em vista que muitos estudantes negros ainda são discriminados por causa da sua cor, e que mesmo assim esse assunto ainda é pouco debatido nas salas de aula, essa pesquisa procurou inserir temas relacionados a discriminação racial no cotidiano da escola. A pesquisa foi realizada na escola de ensino médio Padre Saraiva Leão da cidade de Redenção, Ceará. A pesquisa tem um caráter qualitativo em que o método de investigação é a pesquisa-ação. Realizamos uma análise diagnóstica através de questionários com professores e alunos da escola e promovemos quatro oficinas pedagógicas com uma turma do 3º ano para que assim pudesse haver uma reflexão acerca do assunto. Os resultados mostram que após as oficinas houve uma notável mudança na forma que os alunos enxergavam a discriminação racial, pois na análise diagnóstica eles mostraram que conheciam pouco o assunto pois não conheciam enxergar a discriminação racial no próprio cotidiano deles, mas após as oficinas eles passaram a conhecer melhor esse problema e assim identificaram as diferentes formas que ele pode acontecer no ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação, discriminação racial, pesquisa-ação.

ABSTRACT

Practices Pedagogical fighting The racial discrimination: an action research in a school in Redenção-Ce.

This work entitled “Practices Pedagogical fighting The racial discrimination: an action research in a school in Redenção-Ce.”, We aimed to analyze until point some pedagogical interventions held a school in high school can transform the school reality regarding racial discrimination. Considering that many black students They are still discriminated against because of their color, and yet this subject is still little discussed in classrooms, this research sought to put issues related to racial discrimination in the school routine. The survey was conducted in high school Padre Saraiva Leão of the city Redenção-Ce. The research has a qualitative character where the research method is action research. We conducted a diagnostic analysis through questionnaires to teachers and school students and promote four educational workshops with a group 3rd year so that it could be a reflection on the subject. The results show that after the workshops there was a noticeable change in the way that students could see racial discrimination.

Keywords: Education, racial discrimination, action research.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES.

IMAGEM 1 – Alunos respondendo questionários.	31
IMAGEM 2 – Alunos e professora da turma que colaborou com a pesquisa.	52
FIGURA 1 – Desenho produzido pela segunda equipe.	47
FIGURA 2 – Desenho produzido pela terceira equipe.	48
FIGURA 3 – Desenho produzido pela quarta equipe.	48
FIGURA 4 – Desenho produzido pela quarta equipe.	49

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Plano de intervenção primeira oficina.	34
TABELA 2 – Trabalho produzido pela primeira equipe.	35
TABELA 3 – Trabalho produzido pela segunda equipe.	36
TABELA 4 – Trabalho produzido pela terceira equipe.	37
TABELA 5 – Plano de intervenção segunda oficina.	38
TABELA 6 – Plano de intervenção terceira oficina.	43
TABELA 7 – Plano de intervenção quarta oficina.	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 POPULAÇÃO NEGRA BRASILEIRA: PRECONCEITOS SENTIDOS NA PELE .	14
1.1O estigma da cor negra.	16
1.2 Racismo no Brasil.....	17
1.3 Discriminação racial no Brasil.....	20
1.4 Discriminação racial na escola.....	23
2 A DINÂMICA METODOLÓGICA	25
2.1 Pesquisa-ação.....	25
2.2 A escola sede da pesquisa e os sujeitos envolvidos.	26
2.3 Procedimentos metodológicos.....	27
3 INTERVENÇÕES SOBRE A DISCRIMINAÇÃO RACIAL	28
3.1 Análise diagnóstica de uma pesquisa-ação.....	28
3.1.1 Os discentes.	28
3.1.2 Os docentes.	33
3.2 Oficina 1: “Vista a minha pele.”.....	35
3.3 Oficina 2: “Termos e conceitos.”.....	39
3.4 Oficina 3: “Proposta de combate ao racismo na escola.”.....	44
3.5 Oficina 4: “A história da escravização em Redenção.”.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICES	59
Apêndice 1 – Questionário aplicado com alunos e professores.	59
Apêndice 2 – Termo de consentimento dos sujeitos envolvidos na pesquisa.	61
Apêndice 3 – Termo de consentimento do responsável pela escola.....	62

INTRODUÇÃO.

Este trabalho intitulado “Práticas pedagógicas de combate à discriminação racial: uma pesquisa-ação numa escola de Redenção-Ce.”, surgiu a partir das minhas indagações acerca das desigualdades entre brancos e negros no campo da educação. As relações raciais no Brasil sempre foram um dos temas que mais me chamaram atenção durante a minha trajetória no curso de Bacharelado em Humanidades da UNILAB e, ao saber que nos índices de aprendizagem, evasão e repetência escolar os negros são os mais prejudicados, fiquei bastante inquieta, querendo saber mais sobre essa realidade e claro, aprender formas para combatê-la.

Logo de início aprendi que a discriminação racial é algo desumano, mas ao mesmo tempo bastante comum na nossa sociedade, e a consequência disso é que a maioria da população negra brasileira tem sido prejudicada em diversos aspectos, e um deles é a educação. A partir disso me dei conta da necessidade de se discutir e combater a discriminação racial nas escolas, pois este ainda é um tema visto por muitos como delicado e difícil de ser tratado na sala de aula.

Sabemos que as relações raciais no Brasil sempre foram alvo de muitos pesquisadores, pois a população negra sempre esteve à margem da sociedade e isso é consequência do racismo e da discriminação racial que impede que homens e mulheres negros tenham acesso à maioria dos seus direitos.

Durante toda a trajetória da população negra no Brasil houve uma intensa resistência para que a história e a cultura afro-brasileira fossem valorizadas e para que se reconhecesse a importância e a contribuição do negro para a construção do nosso país. Um dos principais focos da luta da população negra foi e continua sendo a educação, pois ela é um dos principais caminhos para que se consiga uma ascensão social e assim a diminuição das desigualdades entre brancos e negros e principalmente porque a educação ainda parece ser o caminho mais eficiente para combater a cultura racista como expõe Munanga (2010):

Não existem leis capazes de destruir os preconceitos que existem em nossas cabeças e provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. A educação ofereceria uma possibilidade aos

indivíduos de questionar os mitos de superioridade branca e de inferioridade negra neles introjetados pela cultura racista na qual foram socializados. (MUNANGA, 2010, p. 52)

Foi a partir disso que foi promulgada a lei nº 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira no ensino básico no Brasil. No entanto, apesar dessa lei ser uma grande conquista, ela ainda não é aplicada de forma correta na maioria das escolas, isso porque a maioria dos professores não receberam formação sobre o tema. O resultado é que muitos não sabem tratar do assunto e assim se negam a falar sobre ele ou falam de forma incorreta, apenas com uma visão do senso comum.

A maioria dos livros didáticos não contempla a história da população africana e afro-brasileira, assim como a maioria dos professores não trataram desse assunto durante suas formações. Além disso, o racismo e a discriminação racial ainda são temas pouco debatidos na sala de aula. Tudo isso faz com que muitas crianças e jovens negros continuem sendo discriminados por causa da sua cor na escola, fazendo com que os índices de aprendizagem sejam bem mais baixos que os índices da população branca. Para que isso possa mudar sabemos que é necessário que a discriminação racial seja discutida, analisada, denunciada e combatida.

O objetivo desta pesquisa é analisar até que ponto algumas intervenções pedagógicas realizadas numa escola de ensino médio podem transformar, ou não, a realidade escolar no tocante à discriminação racial.

Para isso realizamos uma análise diagnóstica através de questionários com alunos e professores do ensino médio. Em seguida promovemos ações pedagógicas com os alunos através de quatro oficinas com temas relacionados à discriminação racial e por último analisamos até que ponto essas intervenções pedagógicas transformaram ou não a realidade escolar em relação à discriminação racial.

O intuito destas intervenções foi inserir assuntos relacionados com a discriminação racial no ambiente escolar a fim de perceber se os alunos já possuíam algum conhecimento sobre esse tema, apresentar questões para que os alunos pudessem refletir se esse problema está ou não presente no cotidiano da escola e analisar se essas intervenções tiveram algum efeito sobre o pensamento dos alunos em relação às relações raciais.

Este trabalho possui três capítulos, o primeiro, intitulado “População negra brasileira: preconceitos sentidos na pele” traz características das relações étnico-raciais no Brasil. Este primeiro capítulo mostra como a nossa sociedade está sempre criando estereótipos sobre a cor negra; alguns aspectos do racismo no Brasil e como tudo isso causa práticas discriminatórias no mercado de trabalho, na mídia e principalmente na educação.

O segundo capítulo intitulado “A dinâmica metodológica”, descreve a metodologia utilizada, no caso, a pesquisa-ação. Este capítulo também apresenta a escola e os sujeitos envolvidos e cada procedimento realizado durante a pesquisa.

O terceiro capítulo intitulado “Intervenções sobre a discriminação racial”, descreve os procedimentos da pesquisa. Primeiramente mostra os dados obtidos através da análise diagnóstica que foi realizada através da aplicação de questionários com professores e alunos. Este capítulo também descreve cada uma das quatro oficinas realizadas na escola. E por último a conclusão que traz os resultados, possíveis soluções para o problema e os pontos de vista da autora.

1 POPULAÇÃO NEGRA BRASILEIRA: PRECONCEITOS SENTIDOS NA PELE

Sabemos que o Brasil é conhecido como o “país da mistura”, que possui uma população formada a partir do encontro de vários povos vindos de diversos lugares do mundo e que tem uma diversidade cultural gigantesca, por isso, é um país constituído de diferenças e pluralidades. O problema é que nem sempre essas diferenças são respeitadas, fazendo com que algumas pessoas tenham privilégios na sociedade, enquanto outras são excluídas e abandonadas.

A população negra, por exemplo, sempre precisou enfrentar o racismo, que classifica as pessoas negras como inferiores apenas por terem a cor da pele mais escura, e por isso os negros sempre tiveram que lutar para combater o preconceito e para que sua história e cultura fossem reconhecidas e valorizadas. Isso mostra que muitas vezes as diferenças, que deveriam ser valorizadas, são, ao contrário, alvo de preconceito e discriminação. Munanga nos explica que “as diferenças percebidas entre “nós” e os “outros” constituem o ponto de partida para a formação de diversos tipos de preconceitos, de práticas de discriminação e de construção das ideologias delas decorrentes. [...]” (MUNANGA, 2010, p.173).

No caso da sociedade brasileira o que predomina é o preconceito contra a raça negra, raça não no sentido biológico, pois biologicamente somos todos iguais independente da cor da pele, mas quando se utiliza o termo raça é em relação a uma construção social que coloca os indivíduos de cor negra em uma posição de inferioridade em relação aos de cor branca. Ao discutir esse assunto Gomes afirma que:

O Movimento Negro e alguns sociólogos, quando usam o termo *raça*, não o fazem alicerçados na ideia de raças superiores e inferiores, como originalmente era usada no século XIX. Pelo contrário, usam-no com uma nova interpretação, que se baseia na dimensão social e política do referido termo. E, ainda, usam-no porque a discriminação racial e o racismo existentes na sociedade brasileira se dão não apenas devido aos aspectos culturais dos representantes de diversos grupos étnico-raciais, mas também devido à relação que se faz na nossa sociedade entre esses e os aspectos físicos observáveis na estética corporal dos pertencentes às mesmas. (GOMES, 2005, p.45)

A partir disso entende-se que o racismo no Brasil se dá a partir da aparência física dos indivíduos, assim, características como cor da pele, cabelo, nariz ou lábios são usadas para definir uma pessoa como inferior as outras. Além disso, o

preconceito também adentra à questão cultural, pois uma pessoa racista acha que tudo relacionado ao negro, como sua religião, seus hábitos e costumes; estão relacionados ao mal ou a algo negativo. De acordo com Munanga:

A raça, no sentido que a utilizam os racistas, significa um conjunto de indivíduos que, além de ser biologicamente diferentes dos membros do seu grupo ou de sua raça, são portadores de uma cultura inferior a do seu grupo situado na posição superior da pirâmide social. Aqui está clara a relação intrínseca que os racistas estabelecem entre a raça e a cultura. [...] (MUNANGA, 2010, p195)

Isso explica, por exemplo, o porquê que as religiões afro-brasileiras e seus praticantes sempre foram alvo de preconceito e de intolerância e muitas vezes relacionados à maldade. Também é importante ressaltar que todas essas questões que foram aqui expostas podem resultar em algo pior: a discriminação racial, ou seja, quando uma pessoa é evitada, excluída ou tratada de forma diferente apenas por ser negra. Vamos novamente fazer referência ao pesquisador Kambengele Munanga para entendermos mais sobre essa questão:

Os preconceitos de classe, religião, gênero, sexo, idade, nacionalidade, “raça”, etnia, cultura, língua etc., são apenas atitudes, às vezes afetivas, que existem na cabeça das pessoas ou grupos de pessoas, introduzidas por meio dos mecanismos educativos. Invisíveis e incomensuráveis, essas atitudes são traduzidas em opiniões verbalizadas. Podem levar indivíduos e grupos a evitar os “outros”, porque não confiam neles ou têm medo deles. Visto deste ângulo, os preconceitos possuem em germe as condições necessárias ao nascimento da discriminação. Falta apenas um salto para passar da opinião à ação ou comportamento discriminatório que pode ser visível e mensurável.

Dessa forma o preconceito pode gerar a discriminação fazendo com que muitas pessoas negras sejam impedidas de ocupar os mesmos espaços que os brancos, e esse é o principal problema que deve ser analisado, discutido e combatido no Brasil: as desigualdades entre brancos e negros que fazem com que a maioria da população negra permaneça concentrada nas classes mais baixas. Basta dá uma olhada em dados e pesquisas pra perceber que o Brasil está dividido em classes sociais; mas que possui um recorte étnico, em que a população negra é a mais prejudicada, pois é a grande maioria nas classes mais pobres.

Isso mostra a necessidade de buscar alternativas para acabar com esse problema e uma das propostas que mais tem levantado discussões é a educação, pois é a escola um dos primeiros lugares que a criança ou jovem negro sofre discriminação racial, além disso, ninguém nasce racista, nós somos ensinados a ser

racistas, e a escola parece ser o lugar ideal para desconstruir esse problema, por isso a necessidade de um novo modelo de educação que:

[...] enfatize a convivência pacífica e igualitária das diferenças numa sociedade plural como a nossa, na qual gêneros, “raças”, etnias, classes, religiões, sexos etc. se tocam cotidianamente no mesmo espaço geográfico. Por isso, o conceito de educação e de uma pedagogia multicultural está invadindo com muita força o vocabulário dos educadores no século XXI. (MUNANGA, 2010, p. 177)

Portanto é necessário uma educação que valorize as diferenças, que mostre a importância de todas as pessoas para a nossa sociedade independente da cor da pele, e que esteja pautada no respeito e no combate a todo tipo de preconceito e discriminação. Vejamos agora nos subcapítulos a seguir mais características das relações raciais no Brasil.

1.10 estigma da cor negra.

A população negra tem sofrido discriminações de várias formas, pois a cor da sua pele ainda aparece estigmatizada, ou seja, uma pessoa negra carrega consigo uma marca, no caso a cor da sua pele, que é considerada pela sociedade um sinônimo de inferioridade e negatividade. De acordo com Tella, os estigmas são:

[...] construções sociais, que se originam de atitudes carregadas de pré-conceitos de pessoas que se consideram pertencentes a um grupo superior sobre o outro, que o considera membro de outro grupo. A partir desse cenário, podem desenvolver relações xenófobas e racistas, na qual serão destacados elementos que diferenciam os grupos, reafirmando estereótipos, padronizando conceitos sobre um grupo, alimentando e/ou intensificando comportamentos discriminatórios. (TELLA, 2008, p. 155)

A população negra, principalmente no Ocidente, é estereotipada pela sociedade, ou seja, as pessoas já tem uma imagem preconcebida do negro como um ser inferior. Segundo Santos (2002), esses estereótipos da pele negra já existiam na Europa antes mesmo de as teorias raciais ganharem forma. Segundo a autora na idade média os europeus já tinham descrições do continente africano como um outro mundo repleto de seres negros monstruosos o que fazia com que as pessoas ficassem atemorizadas e surgisse a relação entre negro e maldade.

Segundo Oliveira (apud SILVA, 2006, p.218) “a mitologia solidificou no Ocidente as dualidades: luz e trevas, Deus e o diabo, o branco e o negro, deuses

benéficos e divindades do horror.” Por isso na nossa sociedade a cor negra está sempre associada ao mal, Deus e os anjos são sempre representados pela cor branca enquanto o diabo, os monstros e as trevas são sempre representados pela cor negra. Os super heróis são em sua maioria brancos e o negro aparece como o malandro, pobre e criminoso. A primeira novela da televisão brasileira que teve como protagonista uma mulher negra, por exemplo, se chamava da cor do pecado, criando uma associação entre a cor negra e maldade e são inúmeros os exemplos em que a cor negra aparece de forma depreciativa. Segundo Santos, (2002):

[...] Se o branco representa a razão, o belo, o bom, o justo... a humanidade, ou seja, simboliza os valores desejáveis, o negro, por sua vez, pode representar a desrazão, a loucura (a bílis negra que obscurece), o feio, o injusto, a animalidade. Ou, de uma forma mais radical, o negro pode simbolizar o estranho.(p.280)

Essa forma pejorativa de se referir a cor negra também se faz presente em expressões usadas no dia-a-dia e até mesmo em letras de músicas, como a expressão “a coisa tá preta”, para se referir a uma situação difícil, ou “serviço de preto” para um serviço mal feito. Uma marchinha de carnaval, por exemplo, traz a seguinte letra: “negra do cabelo duro, qual é o pente que te penteia?” demonstrando racismo ao cabelo afro, e são inúmeras as situações do nosso cotidiano em que a cor negra é tratada de forma pejorativa e muitas vezes isso passa despercebido pelos nossos olhos.

Além de todas essas questões ainda existe o fato de que a nossa sociedade está sempre associando o continente africano com a pobreza, doenças e a selvageria, e isso é amplamente propagado pela mídia, fazendo com que se concretize ainda mais o preconceito com a população negra.

Toda esta negatividade que permeia a população negra representa uma tentativa de legitimar a superioridade do branco sobre o negro, todos esses estigmas e estereótipos foram construídos através de um longo processo que tenta hierarquizar os povos e suas diferentes culturas. Portanto cabe a cada um de nós tentar questionar, analisar e desconstruir esses estigmas e estereótipos tendo em mente que não existe nenhum ser humano melhor ou superior aos outros.

1.2 Racismo no Brasil.

Os africanos negros escravizados começaram a chegar no Brasil no século XVI. Cerca de quatro milhões foram trazidos como mercadorias pelos portugueses. Ao contrário do que aconteceu nos Estados Unidos ou na África do Sul, países que tiveram regimes de segregação racial institucionalizados, no Brasil sempre se teve a ideia de que a população brasileira sempre viveu sem conflitos, sem separações ou divergências entre as raças e umas das justificativas para isso era o alto nível de miscigenação.

No século XIX teóricos do Darwinismo social usavam características biológicas para julgar se pessoas eram superiores a outras e o Brasil apareceu como um paraíso racial ideal para que fossem realizados estudos. Nos primeiros estudos realizados sobre a questão racial, estudiosos como Nina Rodrigues e Oliveira Viana destacaram que a mestiçagem no Brasil seria algo negativo pelo fato de que os mestiços seriam descendentes da raça negra considerada biologicamente inferior.

Essa negatividade que a mestiçagem recebeu fez com que surgisse no século XX a teoria do branqueamento que era um projeto que previa um clareamento geral da população em um espaço de três gerações através da imigração de europeus. Esse projeto serviria para resolver os problemas de um país negro e mestiço através do branqueamento não só físico, mas também cultural, já que a raça branca era vista como superior em todos os aspectos.

Nos anos 1930 surge uma nova concepção sobre as raças no Brasil, desta vez a mestiçagem foi vista como algo positivo que ocasionava um desenvolvimento cultural. Gilberto Freyre em seu livro *Casa Grande e Senzala* foi um dos primeiros autores a destacar essa nova perspectiva da sociedade multirracial brasileira, ele ressaltava a importância da convivência entre as três raças e no cruzamento entre homens brancos com mulheres índias e negras. Nesse contexto, surgem vários elementos culturais que se tornaram símbolos da mestiçagem, como a feijoada, o samba, a capoeira e a inserção de negros no futebol. O Brasil passou a ser visto como uma democracia racial onde as pessoas não sofriam discriminação ou preconceito e que não havia nenhum obstáculo que impedisse que pessoas de cor ocupassem posições de prestígio.

Após a segunda guerra mundial o mundo começa a discutir a questão da raça e o Brasil parece ser o ambiente ideal para mostrar a outras nações como os Estados Unidos e a África, que tiveram regimes de segregação racial, que raças diferentes podem viver harmoniosamente. A UNESCO inicia então um estudo sobre as relações raciais no Brasil, no entanto, segundo Schwarcz (2001, p.33), o que os pesquisadores como Florestan Fernandes e Roger Bastide descobriram é que na verdade “ao invés de democracia, destacavam-se as marcas da discriminação” na sociedade brasileira. Mas o que chamou a atenção é que o Brasil tinha uma outra forma de preconceito: o preconceito velado, ou seja, um preconceito de assumir o preconceito. Assim, mesmo que os brasileiros reconheçam que existe o racismo no Brasil, eles nunca se assumem como racistas, o racista é sempre o outro.

A falácia de que não havia preconceito e sim uma harmonia entre as raças defendia a ideia de que o que separava as pessoas era apenas a sua condição social, mas estudos mostram que as desigualdades também são condicionadas pela cor, e é justamente o preconceito que faz com que o negro não consiga uma ascensão social. Em 13 de maio de 1888 quando a escravização foi abolida no Brasil, aparentemente os escravizados estavam então livres, podiam ter uma vida normal, podiam trabalhar e estudar, enfim, podiam ser pessoas iguais as outras. Isso parecia uma grande conquista, no entanto, o resultado foi outro: uma população negra, marginalizada, tentando se inserir em mecanismos de uma sociedade em que as oportunidades eram desiguais para brancos e negros. A população negra teve que enfrentar uma sociedade que estava organizada para os brancos e precisou se esforçar para competir com estes e garantir seus direitos sociais:

A situação de profunda desigualdade iniciou com o povo negro na condição de escravo, continuou após o 14 de maio de 1888 e ainda mostra a sua face em pleno século XXI. Depois dos festejos pela conquista da abolição a grande maioria dos ex-escravizados se viu na rua, sem condições mínimas de competir com os imigrantes europeus que ora chegavam em grande número para assumir os postos de assalariados “disciplinados” que o Brasil capitalista necessitava. (SILVA, R.A, 2006, p. 215)

Apesar disso, a ideia de que o Brasil possui uma democracia racial persiste até hoje e o preconceito continua existindo em muitos setores da sociedade, o negro ainda é visto como um ser inferior, pois criou-se ao longo da história estereótipos que associam o negro a pessoas criminosas, perigosas e menos inteligentes e isso faz com que esses indivíduos recebam tratamentos diferenciados no trabalho, na

escola e até mesmo pela polícia fazendo com que homens e mulheres negros fiquem à margem da sociedade, impedidos de terem as mesmas oportunidades que os brancos.

Segundo Gomes:

A forma institucional do racismo implica práticas discriminatórias sistemáticas fomentadas pelo Estado ou com o seu apoio indireto. Elas se manifestam sob a forma de isolamento dos negros em determinados bairros, escolas e empregos. Estas práticas racistas manifestam-se, também, nos livros didáticos tanto na presença de personagens negros com imagens deturpadas e estereotipadas quanto na ausência da história positiva do povo negro no Brasil. Manifestam-se também na mídia (propagandas, publicidade, novelas) a qual insiste em retratar os negros, e outros grupos étnico/raciais que vivem uma história de exclusão, de maneira indevida e equivocada. (GOMES, 2005, p.53)

Isso mostra que no Brasil apesar de não ter ocorrido um Apartheid como na África do Sul, houve uma construção de linguagens, comportamentos, imagens e estereótipos que inferiorizam o negro e seus traços físicos e isso se faz presente nos filmes, nas novelas, nos livros didáticos, nos comerciais de tv, em que o branco domina e é sempre sinônimo de beleza e inteligência enquanto que o negro é quase sempre omitido e quando aparece é de uma forma vulgar.

1.3 Discriminação racial no Brasil

Nas palavras de Gomes:

A palavra discriminar significa “distinguir”, “diferençar”, “discernir”. A discriminação racial pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito. Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a adoção de práticas que os efetivam. (GOMES, 2005, p.55)

A discriminação racial pode ser vista em vários segmentos sociais no Brasil: no mercado de trabalho, na mídia ou na educação, a desigualdade entre as oportunidades para negros e brancos é visível, pois a maioria da população negra no Brasil encontra-se na pobreza, o que faz com que essas desigualdades sejam vistas por muitos apenas como um problema de classes; por isso durante tanto tempo esse problema não foi discutido e levado a sério. Segundo Guimarães (2002, p.47) “a invisibilidade da discriminação racial no Brasil se deve ao fato de que os

brasileiros, em geral, atribuem, à discriminação de classe a destituição material a que são relegados os negros”.

A discriminação no mercado de trabalho talvez seja um dos principais fatores que expliquem porque a maioria da população negra brasileira é pobre, pois o fator econômico está intrinsecamente ligado à questão social, e por isso também reflete questões raciais presentes na sociedade. O negro sofre diferentes formas de discriminação ao tentar se inserir no mercado de trabalho, por isso, as profissões mais privilegiadas, como medicina, direito ou engenharia, são constituídas por uma maioria de pessoas brancas. Mas mesmo em trabalhos menos remunerados como recepcionistas, vendedores de lojas, garçons ou garçonetes, se houver uma concorrência entre brancos e negros, os brancos certamente terão vantagem, isso porque os donos dos estabelecimentos preferem pessoas de “boa aparência” e o conceito de beleza no Brasil é uma pessoa branca, loira e de olhos claros.

Os negros muitas vezes são vistos como seres que não tem a mesma capacidade que os brancos ou que não conseguem realizar tarefas complexas e por isso sentem dificuldades ao tentarem um emprego mais valorizado e melhor remunerado. Também existem diferenças salariais entre brancos e negros, de acordo com IPEA (2014) os negros possuem nível de renda per capita familiar menor que os brancos; sem falar que muitas vezes a pessoa é impedida de participar de um processo seletivo ou é demitida do seu trabalho por causa da sua cor.

Nos meios de comunicação apesar do aumento do número de negros como jornalistas, atores ou apresentadores de TV, muitas vezes se passa uma imagem deturpada das pessoas negras. Nas novelas, por exemplo, e em geral, a grande maioria dos personagens negros são empregados domésticos, bandidos ou pessoas muito pobres. Além disso, os meios de comunicação do nosso país não valorizam a cultura afro-brasileira nem a diversidade racial da nossa sociedade:

Não podemos desconsiderar o papel da mídia de forma geral e da televisão como formadora de identidade. A rara presença de pessoas negras como protagonistas de programas infantis é um exemplo de como através da invisibilidade a mídia demarca seus preconceitos, contribuindo para que tanto crianças negras como brancas não elaborem referenciais de beleza, de humanidade e de competência que considerem a diversidade. Existe destaque de pessoas brancas na mídia, que normalmente apresenta pessoas com cabelos loiros e olhos claros (azuis ou verdes). Esse tipo de beleza chega a ser reverenciado como padrão ideal a ser alcançado e/ou desejado. (SECAD, 2006, p.47)

Outro fator que denota a discriminação racial no Brasil é o grande número de homicídios de pessoas negras. No Brasil morrem mais jovens negros do que brancos por homicídios, isso porque a maioria da população negra está entre os mais pobres, não tem acesso a uma boa educação e tem dificuldades para ingressar no mercado de trabalho e conseqüentemente muitos jovens acabam se envolvendo na criminalidade. Segundo Brasil 2015 (p.21) A prevalência de jovens negros serem mais vítimas de assassinatos do que jovens brancos é uma tendência nacional: em média, jovens negros têm 2,5 mais chances de morrer do que jovens brancos no país.

Todos estes fatores fazem com que a maioria da população negra no Brasil permaneça concentrada nas classes baixas. Apesar disso, Guimarães (2002, p.65) afirma que “[...] A explicação normalmente aceita, tanto pelos governos, quanto pelo povo, é de que a discrepância entre brancos e negros deve-se ao passado escravista”, mas segundo o autor:

“[...] as estatísticas demonstram que não apenas o ponto de partida dos negros é desvantajoso (a herança do passado), mas que em cada estágio da competição social, na educação e no mercado de trabalho, somam-se novas discriminações que aumentam tal desvantagem.” (GUIMARÃES, 2002, p.67)

Isso mostra que o que faz com que a população negra permaneça na pobreza é a discriminação racial que ainda existe e que tem feito muitas vítimas e que precisa ser combatida para que negros e brancos possam ter os mesmos direitos.

No Brasil já foram implementadas algumas políticas de ação afirmativa na busca de corrigir as várias desigualdades a que a população negra foi submetida ao longo da história. Os pesquisadores Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes ao discutirem essas políticas afirmam o seguinte:

As ações afirmativas constituem-se em políticas que visam a promoção ativa da igualdade de oportunidades para todos, criando meios para que as pessoas pertencentes a grupos socialmente discriminados possam competir em mesmas condições na sociedade. (MUNANGA, GOMES, 2006, p.123)

Um dos exemplos de ação afirmativa são as cotas raciais que possuem um número de vagas específicas para pessoas negras em emissoras de TV e cinema, no mercado de trabalho ou no ensino superior. As cotas raciais têm como objetivo fazer com que a população negra tenha as mesmas oportunidades e ocupe os mesmos espaços que a população branca.

1.4 Discriminação racial na escola.

A discriminação racial na escola tem afetado a vida de muitos jovens e crianças negras que sofrem com o preconceito e acabam não tendo um bom desempenho durante sua vida escolar. A escola é um lugar determinante na vida de uma criança, pois é lá que ela inicia a formação do seu caráter e personalidade, e por isso a criança que sofre discriminação na escola pode crescer com a autoestima debilitada:

É na infância, no contato com o outro, que construímos ou não a nossa autoconfiança. As experiências do racismo e da discriminação racial determinam significamente a auto-estima dos(as) adultos(as) negras e somente a reelaboração de uma nova consciência é capaz de mudar o processo cruel de uma sociedade desigual que não os(as) estimula e nem respeita. O processo psicológico é um dos aspectos mais importantes da auto-estima, pois conduz as relações interpessoais. As formas como nos relacionamos com o outro em muitas situações geram falsos valores. (SECAD, 2006, p. 216)

Vários fatores fazem com que a escola, em geral, não seja um local atrativo para a população negra no Brasil, primeiramente porque ela se concentra nas classes mais baixas e conseqüentemente sofre com a falta de qualidade no ensino público, a escola não valoriza a cultura afro-brasileira e o aluno negro também sofre com práticas racistas de professores e alunos, o que prejudica a sua autoestima. A maioria dos livros didáticos não contempla a história da população negra no Brasil e nem a história da África, e muitas vezes esses assuntos até aparecem, mas de forma pejorativa. Além disso, a maioria das escolas não possui materiais pedagógicos que tratem especificamente das relações étnico-raciais. Todos esses fatores fazem com que os alunos negros tenham níveis de aprendizagem muito baixos ou pior ainda, muitos desistem e não permanecem na escola. Isso mostra que o sistema educacional brasileiro é discriminatório e precisa criar mecanismos suficientes para promover a inclusão da população negra.

O racismo faz com que muitas pessoas abandonem a escola e por isso os níveis de escolaridade entre a população negra são mais baixos se comparados com a população branca. Segundo IPEA, considerando a população com mais de 15 anos, em 2012, 23% da população branca tinha menos de quatro anos de estudo; entre os negros, este percentual atingiu 32,3%. A mesma pesquisa mostra que o percentual de jovens analfabetos vem diminuindo com a redução das desigualdades

raciais, ainda que o percentual mais recente de negros analfabetos entre 25 e 29 anos seja superior àquele registrado para jovens brancos da mesma idade há cerca de dez anos.

Algumas ações já foram desenvolvidas no Brasil para que se possa diminuir as desigualdades raciais no sistema de educação. A lei nº 10.639/2003 é uma delas, essa lei tornou obrigatório o estudo da história e cultura africana no sistema de ensino brasileiro. Segundo a pesquisadora Nilma Lino Gomes, o objetivo dessa lei é:

[...] afirmar o direito à diversidade étnico-racial na educação escolar, romper com o silenciamento sobre a realidade africana e afro-brasileira nos currículos e práticas escolares e afirmar a história, a memória e a identidade de crianças, adolescentes, jovens e adultos negros na educação básica e de seus familiares. (GOMES, 2010, p.20)

Existem inúmeras questões que dificultam a aplicação da lei nº 10.639/2003, uma delas é que muitos professores não tem domínio ou não conhecem a história e a cultura africana e afro brasileira, ou possuem apenas uma visão do senso comum, que vê a África não como um continente pluricultural, mas como um “país” atrasado, selvagem e que sofre com a fome e as doenças, por isso, muitos não conseguem aplicar o conteúdo na sala de aula de forma correta.

Sabemos que ainda falta muito para que vejamos na educação brasileira o respeito à diferença com ênfase na valorização da cultura afro-brasileira. Para isso deve-se pensar em uma educação multicultural, em que todos tenham direito à diferença, e um modelo pedagógico capaz de combater as desigualdades e a discriminação que a população negra sofre.

Segundo Munanga:

O que está em debate na atualidade é a ideia de que uma educação centrada na cultura e nos valores da sociedade que educa deve suceder uma educação que dá valor a diversidade (histórica e cultural) e ao conhecimento do outro visando todas as formas de comunicação intercultural [...] (MUNANGA, 2010, p.45)

Assim tendo em vista a diversidade cultural e racial brasileira a escola brasileira deve se preparar para combater todo tipo de discriminação, buscando ser sempre um local democrático e de inclusão, respeitando sempre as diferenças.

2 A DINÂMICA METODOLÓGICA.

A pesquisa possui caráter qualitativo do tipo pesquisa-ação. Nesta parte iremos apresentar a pesquisa-ação, o campo da pesquisa, os sujeitos envolvidos e os procedimentos metodológicos utilizados.

2.1 Pesquisa-ação.

A pesquisa-ação, como o próprio nome já diz, procura vincular pesquisa e ação em um processo em que se destaca um problema e a partir disso se realiza intervenções a fim de promover uma transformação e uma reflexão acerca da realidade. Segundo Tripp (2005, p.447), “pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática.”

Ainda não se sabe exatamente quem criou a pesquisa-ação, segundo Barbier (2007, p.27) “Costuma-se geralmente sustentar que a pesquisa-ação teve origem com Kurt Lewin, psicólogo de origem alemã, naturalizado americano, durante a provação da Segunda Guerra Mundial.” Thirion apud Barbier acrescenta:

Alguns pensam, entretanto, que John Dewey e o movimento da Escola Nova, após a Primeira guerra Mundial, constituíram um primeiro tipo de pesquisa-ação pelo ideal democrático, pelo pragmatismo e pela insistência no hábito do conhecimento científico tanto nos educadores como nos educandos.” (THIRION 1980, apud BARBIER, 2007, p.28)

Nas palavras de Tripp:

É pouco provável que algum dia venhamos a saber quando ou onde teve origem esse método, simplesmente porque as pessoas sempre investigaram a própria prática com a finalidade de melhorá-la. O relato de Rogers (2002), sobre o conceito de reflexão utilizado por John Dewey (1933), por exemplo, mostra muita semelhança com o conceito de pesquisa-ação e também se poderia realçar que os antigos empiristas gregos usavam um ciclo de pesquisa-ação. (TRIPP, 2005, p.445)

A pesquisa-ação tem como objetivo realizar intervenções que promovam uma reflexão acerca das práticas e assim gerar uma transformação de suas ações. Segundo Franco (2005, p.500) “Falar em processo de pesquisa-ação é falar de um processo que deve produzir transformações de sentido, ressignificações ao que

fazemos ou pensamos”. O objetivo dessa pesquisa é realizar intervenções para que haja uma reflexão sobre o problema da discriminação racial no ambiente escolar.

De acordo com Pimenta:

a pesquisa-ação visa contribuir para o equacionamento do problema central na pesquisa, a partir de possíveis soluções e de propostas de ações que auxiliem os agentes (ou atores) na sua atividade transformadora da situação.(PIMENTA, 2005, p.532)

A pesquisa-ação é um processo que deve contribuir para o aprendizado de todos, tanto dos participantes como do pesquisador, assim, é necessário que a pessoa que esteja realizando a pesquisa se envolva, colabore, tente se inserir no contexto em que a pesquisa está sendo realizada, mas ao mesmo tempo sem perder o caráter e o papel de pesquisador. De acordo com Pimenta (2005, p.523), “A pesquisa-ação tem por pressuposto que os sujeitos que nela se envolvem compõem um grupo com objetivos e metas comuns, interessados em um problema que emerge num dado contexto [...]”

A pesquisa-ação passa por quatro fases: a primeira é uma avaliação diagnóstica para uma identificação inicial do problema, a segunda é o planejamento de intervenções, a terceira é a aplicação das intervenções e a quarta seria a análise dos dados.

2.2 A escola sede da pesquisa e os sujeitos envolvidos.

A pesquisa foi realizada na instituição Escola de Ensino Médio Padre Saraiva Leão, localizada no centro da cidade de Redenção-Ce. A escola é uma das pioneiras da cidade, pois iniciou suas atividades no ano de 1915. Apesar da escola está localizada na zona urbana, 95% dos seus alunos são oriundos da zona rural, por isso a maioria deles são filhos de agricultores e dependem de transporte escolar.

A estrutura física da escola é de dez salas de aula, uma biblioteca, uma sala de computação, sala de professores, cantina. A escola compõe-se de trezentos e setenta e cinco alunos e dezesseis professores, seis da área de linguagens e códigos, quatro da área de ciências humanas e seis da área de ciências da natureza. Possui ainda três profissionais que trabalham na multimídia, um profissional no laboratório de informática, dois funcionários administrativos e sete

auxiliares de serviços gerais. O núcleo gestor é composto por uma diretora, uma coordenadora escolar e uma secretária escolar. A escola oferta as três séries do ensino médio na modalidade regular e funciona nos turnos da manhã e tarde.

Os sujeitos da pesquisa foram professores e alunos da escola.

2.3 Procedimentos metodológicos.

O primeiro passo da pesquisa foi uma análise diagnóstica através de questionários com alunos e professores.

Em seguida houve o planejamento das intervenções que foi feito por mim e a professora Rebeca de Alcântara e Silva Meijer.

O terceiro passo foi a aplicação das intervenções com os alunos através de quatro oficinas. As intervenções começaram ainda no ano final de 2014 com uma turma do 2º ano, mas só puderam ser concluídas no ano de 2015, com a mesma turma que já estava no 3º ano.

E por último houve a análise das intervenções e dos materiais produzidos pelos alunos durante as oficinas.

3 INTERVENÇÕES SOBRE A DISCRIMINAÇÃO RACIAL.

Aqui serão apresentados e analisados todos os dados obtidos através da análise diagnóstica e das quatro oficinas realizadas na escola.

3.1 Análise diagnóstica de uma pesquisa-ação.

O questionário foi respondido por dezoito alunos de uma turma de 3º ano. Destes alunos, seis, ou seja, 33,3% eram do sexo feminino e doze eram do sexo masculino, representando 66,6% da turma. As idades variam de dezesseis a vinte anos. O questionário indagou qual a raça/cor os alunos se identificavam e se auto declaravam; apenas um aluno se auto declarou branco e isso representou apenas 5,5% da turma; o mesmo aconteceu com a modalidade preta, apenas um aluno afirmou ser dessa raça/cor; a modalidade parda representou a grande maioria da turma, 16 alunos, ou seja, 88,8%, se auto afirmaram pardos; já as modalidades amarela e indígena representaram 0%, pois nenhum aluno afirmou ser de alguma dessas cores/raças.

Entre os dezesseis professores da escola, apenas dez aceitaram responder o questionário. Destes professores, oito, ou seja, 80% eram do sexo feminino e apenas dois ou 20% eram do sexo masculino. As idades variam de 26 a 52 anos. Entre os dez professores, apenas dois se auto declararam brancos, ou seja 20%; e a grande maioria se auto declarou parda, oito professores ou 80% respondeu que a sua raça/cor era parda. Já as modalidades preta, amarela e indígena representaram 0%, pois nenhum professor afirmou ser de alguma dessas raças/cores.

3.1.1 Os discentes.

O primeiro tema do questionário foi sobre a discriminação racial. A primeira pergunta do questionário era se o aluno já foi vítima ou presenciou alguma atitude discriminatória. Apenas três alunos, ou seja, 16,6% disseram que sim, mas nenhum se referiu à discriminação racial, mas a outros tipos de discriminação; já os outros

quinze alunos ou 83,3% disseram nunca ter sofrido ou presenciado nenhum tipo de discriminação.

Dentre os três alunos que afirmaram que já sofreram ou presenciaram alguma atitude discriminatória, dois afirmaram que tomaram alguma atitude diante desse ato de discriminação e três afirmaram que esse ato foi sutil e camuflado.

Em seguida foi perguntado aos alunos o que eles acham ser a maior discriminação no Brasil, se é por causa da cor da pele ou por causa da condição social; treze alunos ou 72,2% disseram que a maior discriminação é por causa da cor da pele e 5 alunos ou 27,7% disseram que a maior discriminação é por causa da condição social, então a maioria reconhece que a questão racial é um dos principais fatores que geram discriminação no Brasil.

A terceira pergunta era se a pessoa acha que a discriminação racial pode afetar o desempenho escolar de alunos; treze alunos ou 72,2% disseram que sim e cinco ou 27,7% disseram que não, ou seja, apesar de nenhum aluno ter afirmado que já foi vítima de discriminação racial, a maioria reconhece que esse pode ser um fator que pode prejudicar o desempenho deles durante a vida escolar.

O segundo tema do questionário foi sobre a história e cultura africana e afro-brasileira. Foi perguntado aos alunos se a trajetória histórica da população negra é abordada na escola; nove alunos disseram que sim e nove alunos disseram que não. Em seguida foi perguntado de que forma é feita essa abordagem na escola, entre os nove alunos que responderam sim, três não souberam explicar como se dá essa abordagem e seis deram respostas muito vagas como “*com comentários durante as aulas e sem muita frequência*” ou “*de uma boa forma*”. Não houve nenhuma resposta que demonstrasse de forma clara como a trajetória histórica do negro é tratada na escola.

Isso mostra que esse assunto ainda não é abordado de forma intensa pela escola, pois metade dos alunos que responderam ao questionário afirmam que a trajetória histórica da população negra é tratada na escola, mas a outra metade afirma que não, e os alunos que responderam sim, não souberam explicar como a escola e os professores realizam essa abordagem na sala de aula. Sabemos que esse assunto é bastante importante para que a comunidade escolar possa refletir

sobre a realidade da população negra no Brasil e por isso esse assunto deve ser embutido no currículo escolar e tratado durante todo o ano letivo:

Esta história, bem como a dos outros grupos sociais oprimidos e toda a trajetória de luta, opressão e marginalização sofrida por eles deverá constar como conteúdo escolar. Os (as) estudantes compreenderão melhor os porquês das condições de vida dessas populações e a correlação entre estas e o racismo presente em nossa sociedade. As situações de desigualdades deverão ser ponto de reflexão para todos e não somente para o grupo discriminado, condição básica para o estabelecimento de relações humanas mais fraternas e solidárias. (SECAD, 2006, p.73)

O mesmo aconteceu quando foi perguntado se a cultura africana e afro brasileira é abordada na escola, onze alunos ou 61,1% disseram que sim e sete alunos ou 38,8% disseram que não. Também foi perguntado de que forma é feita essa abordagem e dos onze alunos que responderam sim, quatro não souberam explicar como se dá essa abordagem e os outros seis alunos mais uma vez deram respostas muito vagas como “*como uma coisa comum*” e “*bem elaborado pelo professor nas aulas*”. Mas uma vez não houve nenhuma resposta que demonstrasse de forma clara qual a forma que a cultura africana e afro brasileira é abordada na escola. Isso mostra que a escola ainda não trata a cultura negra como parte fundamental da cultura nacional, assim como trata as outras culturas, principalmente a europeia, e sabemos que o ensino da história e cultura africana e afro brasileira nas escolas é uma das formas de combater o racismo e o preconceito, porém ainda temos um sistema educacional que não valoriza essas heranças culturais, como destaca o pesquisador Kambengele Munanga:

As heranças culturais africana e indígena constituem uma das matrizes fundamentais da chamada cultura nacional e deveriam, por esse motivo, ocupar a mesma posição das heranças europeias, árabes, judaica, orientais etc. Juntas, essas heranças constituem a memória coletiva do Brasil, uma memória plural e não mestiça ou unitária. Uma memória a ser cultivada e conservada por meio das memórias familiares e do sistema educacional, pois um povo sem memória é como um povo sem história. É justamente aqui que se coloca o problema, pois as heranças culturais africana e indígena no Brasil nunca ocuparam uma posição de igualdade com as outras no sistema de ensino nacional. (MUNANGA, 2010, p. 49)

A sexta pergunta foi se o aluno acha necessário estudar a cultura afro-brasileira, quatorze alunos ou 77,7% disseram que sim e quatro alunos ou 22,2% disseram que não. Em seguida foi solicitado que eles explicassem suas respostas. Os alunos que responderam sim explicaram o quanto eles acham importante o estudo da cultura afro-brasileira para o conhecimento deles e para que eles possam

entender mais as suas origens e sobre a história do Brasil, e para acabar com o preconceito, podemos perceber isso nas seguintes respostas:

Aluno1: *“é muito importante para nosso conhecimento desfrutar nesses estudos de cultura, principalmente afro-brasileira.”*

Aluno 2: *“pra sabermos um pouco mais da cultura afro, pra sabermos também um pouco mais de algo que seja da nossa origem.”*

Aluno 3: *“para que o conhecimento de outras culturas seja melhor entendida no dia a dia tanto escolar como social.”*

Aluno 4: *“costumamos julgar o que não conhecemos.”*

Podemos perceber que os próprios alunos reconhecem o quanto é importante o estudo da diversidade cultural na escola, principalmente a afro-brasileira, pois todo ser humano necessita saber das suas origens, principalmente para que assim ele possa formar a sua própria identidade, e cada vez mais a humanidade vai em busca de sua própria história como expõe Munanga:

Quem somos, de onde viemos e por onde vamos? Esta é uma pergunta que todos os povos conscientes se colocam permanentemente, de geração em geração. É uma pergunta que tem a ver com as raízes culturais dos povos e com os processos de construção de nossa identidade nacional e de nossas identidades étnicas. (MUNANGA, 2010, p.48)

Os alunos que responderam não, ou seja, não acham necessário estudar a cultura afro-brasileira, não souberam explicar o porquê dessa resposta.

A sétima pergunta era se os alunos conseguem identificar algum aspecto da cultura africana na nossa sociedade, 8 alunos ou 44,4% responderam que sim, mas a maioria, 10 alunos ou 55,5% disseram que não conseguem identificar nenhum aspecto da cultura africana na nossa sociedade. Os alunos que responderam sim afirmaram que alguns aspectos da cultura africana como vestimentas, adereços, músicas, danças e a capoeira podem ser vistos na nossa sociedade.

Nenhum aluno se referiu a outros aspectos da cultura africana, como as suas contribuições no campo da ciência, da política ou da economia, isso mostra que a escola não aborda a cultura africana como um todo, mas trata apenas de alguns aspectos relativos aos costumes, como as músicas, as danças ou as vestimentas, e

isso é algo que deve ser melhor explorado para que os alunos possam realmente conhecer a diversidade e as contribuições do povo africano para o Brasil:

Ao estudar a cultura afro-brasileira, atentar para visualizá-la com consciência e dignidade. Recomenda-se enfatizar suas contribuições sociais, econômicas, culturais, políticas, intelectuais, experiências, estratégias e valores. Banalizar a cultura negra, estudando tão somente aspectos relativos a seus costumes, alimentação, vestimenta ou rituais festivos sem contextualizá-la, é um procedimento a ser evitado. (SECAD, 2006, p.72)

Por último foi perguntado aos alunos se eles acham que a sociedade brasileira é racista, todos os alunos responderam que sim, que a sociedade brasileira é racista, e citaram situações que eles veem na mídia, como casos de racismo em jogos de futebol, e também a questão da não aceitação da diferença, como podemos ver nas seguintes respostas:

Aluno1: *“sim, porque hoje em dia acontece muito em jogos de futebol”.*

Aluno2: *“sim, porque vejo muito isso em jogos de futebol, torcedores jogando bananas e chamando jogadores de macaco”.*

Aluno3: *“sim, muitos não conseguem aceitar as diferenças e veem isso como defeito”.*

Aqui podemos notar que os alunos só percebem o racismo em casos extremos ou midiáticos, nenhum aluno deu exemplo de racismo do cotidiano da escola ou da comunidade.

IMAGEM 1 - Alunos respondendo questionários.



Fonte: arquivo pessoal.

3.1.2 Os docentes.

Os professores responderam o mesmo questionário que os alunos. Em relação à discriminação racial, quatro professores afirmaram que já presenciaram ou foram vítimas de alguma atitude discriminatória. Desses quatro professores, dois se referiram à discriminação racial, como podemos ver nas seguintes respostas:

Professor 1= *“Pessoas discriminam outras somente pela cor da pele (aparência física)”*.

Professor 2= *“Um amigo foi discriminado por sua cor.”*.

Ao serem perguntados se eles acham que a discriminação racial pode afetar o desempenho de alunos, nove professores responderam que sim e apenas um afirmou que não, ou seja, a maioria dos professores reconhece que a discriminação racial é um fator que pode prejudicar a trajetória escolar do aluno.

Dentre os dez professores, nove afirmaram que consideram que a sociedade brasileira é racista e apenas um afirmou que não, que não considera a sociedade brasileira racista.

Apesar disso, a grande maioria afirmou que a maior discriminação no Brasil é por causa da condição social, apenas um professor citou outra causa que ele considera ser a maior discriminação no Brasil, ele afirmou ser a discriminação por causa da sexualidade e apenas um professor citou a questão racial como um fator que causa discriminação. Isso mostra que apesar da maioria saber dos danos que o racismo causa, eles consideram que a questão da condição social é a maior causa de discriminação.

No que diz respeito à cultura africana e afro-brasileira, nove professores disseram que esse assunto é abordado na escola e que essa abordagem acontece principalmente a partir de projetos, palestras e documentários. Todos os professores afirmaram que acham necessário estudar a cultura afro-brasileira, eles disseram que isso é necessário para conhecermos um pouco mais sobre nossas origens e para acabar com o preconceito e a discriminação, como podemos ver nas seguintes respostas:

Professor 1: *“É fundamental conhecer e valorizar nossas origens”.*

Professor 2: *“Porque temos que saber um pouco mais sobre nossa origem”.*

Professor 3: *“Para tirar o preconceito e discriminação e para valorizar a cultura e a diversidade.”*

Além disso, a maioria dos professores afirmaram que conseguem identificar algum aspecto da cultura africana na nossa sociedade, eles citaram, por exemplo, o candomblé, a alimentação, o vocabulário e a música.

Todos os professores afirmaram que a trajetória histórica do negro é abordada na escola e ao serem indagados de que forma isso acontece, alguns professores afirmaram que isso acontece principalmente na área de ciência humanas e apenas um professor citou a lei nº 10.639/2003:

Professor 1: *“Principalmente na área de ciências humanas”.*

Professor 2: *“Nas próprias aulas, geralmente na área de humanas”.*

Professor 3: *“Atualmente sim, principalmente depois da efetivação da lei 10.636/2003, os livros didáticos já trazem essa abordagem”.*

Isso nos mostra que a questão racial é abordada na escola apenas em algumas áreas do conhecimento, e isso não é a melhor estratégia, pois as relações étnico raciais devem ser tratadas durante todo o ano, em todas as disciplinas e em relação com a realidade em que os alunos estão inseridos:

“É fundamental fazer com que o assunto não seja reduzido a estudos esporádicos ou unidades didáticas isoladas. Quando se dedica, apenas, tempo específico para tratar a questão ou direcioná-la para uma disciplina, corre-se o risco de considerá-la uma questão exótica a ser estudada, sem relação com a realidade vivida. A questão racial pode ser um tema tratado em todas as propostas de trabalho, projetos e unidades de estudo ao longo do ano letivo.” (SECAD, 2006, p.72)

Por isso é importante não deixar para tratar do assunto apenas no dia da consciência negra ou em outras datas específicas, mas durante todo o ano letivo, e principalmente com respeito e responsabilidade.

Outra observação é que dentre dez professores apenas um citou a lei 10.639/2003 e apenas uma vez, isso pode demonstrar que muitos professores ainda

não conhecem com precisão essa lei que é tão importante para combater a discriminação racial. Mas podemos perceber que a lei já trouxe algumas mudanças como a inserção de assuntos relacionados à trajetória histórica da população negra nos livros didáticos, como foi citado pelo professor no questionário.

3.2 Oficina 1: “Vista a minha pele.”

No dia 14 de novembro de 2014 foi realizada a primeira oficina na escola. O objetivo desta primeira oficina foi mostrar como o negro se sente diante do racismo e para isso mostramos o racismo de forma invertida através do filme vista a minha pele em que uma garota branca é que sofre preconceito dos seus colegas na escola.

TABELA 1 – Plano de intervenção primeira oficina.

1º momento	Dividir a turma em equipes
2º momento	Exibição do filme vista a minha pele
3º momento	Debate sobre o filme
4º momento	Confecção de cartazes sobre o filme
5º momento	Apresentação dos cartazes

Primeiramente pedi para que os alunos se dividissem em equipe. Em seguida eles assistiram ao filme. O filme conta a história de Maria, uma menina branca e pobre que vive em um mundo em que a classe dominante é constituída por pessoas negras. Maria quer ser “Miss Festa Junina” na sua escola, mas para isso ela precisa enfrentar várias dificuldades, já que no filme o padrão de beleza são os modelos negros, por isso Maria tem que enfrentar todo o preconceito de seus colegas e assim tentar convencê-los de que ela também é capaz apesar das diferenças. Através desse filme, que mostra o racismo de forma invertida percebemos a discriminação racial e o racismo de forma mais evidente, e pudemos perceber e refletir sobre vários aspectos da discriminação racial no Brasil.

Durante a exibição do filme, vários alunos fizeram comentários racistas como “essa nega é muito feia”, “diabo feia” e “a branquinha é mais bonita que essa nega” se referindo as personagens do filme. Isso mostra que na visão dos alunos a cor

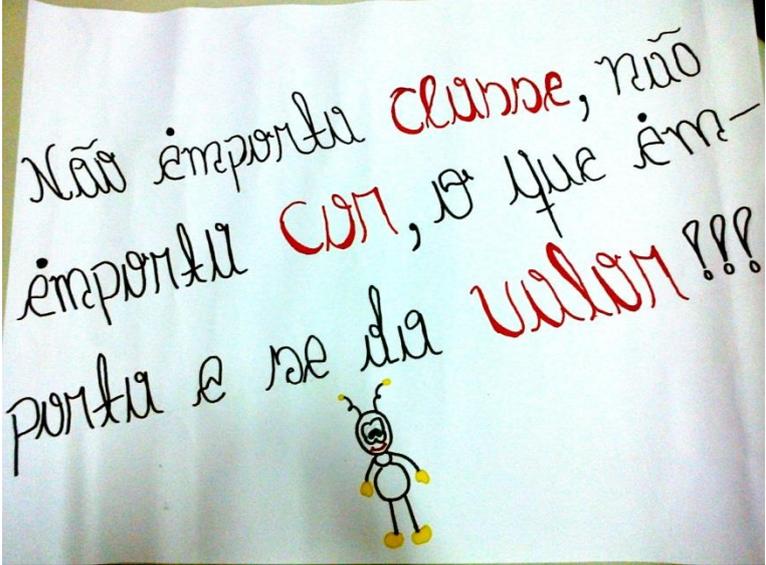
negra não está dentro dos padrões de beleza da sociedade e sim a cor branca, além disso, eles ainda associaram a personagem negra com o diabo, ou seja, eles vêm a cor negra como algo mal ou ruim.

Após a exibição do filme eu pedi para que os alunos falassem o que eles entenderam do filme. Um aluno disse o seguinte: “Esse filme estava transmitindo como o negro se sente”, outro aluno também complementou: “Estava mostrando o racismo ao contrário, porque sabemos que quem sofre é o negro”, ou seja, eles entendem e reconhecem que o filme estava mostrando o racismo de forma invertida, pois quem realmente sofre com o racismo na sociedade brasileira é o negro.

Após esse momento uma vez foi observado racismo na sala de aula quando um aluno perguntou para o seu colega negro: “E aí você já se soltou de suas correntes?”, todos na sala ouviram isso, mas a professora não fez nada. Comentários racistas como este representam a relação que as pessoas ainda fazem entre negro e escravidão e que muitas vezes são camuflados na forma de brincadeiras.

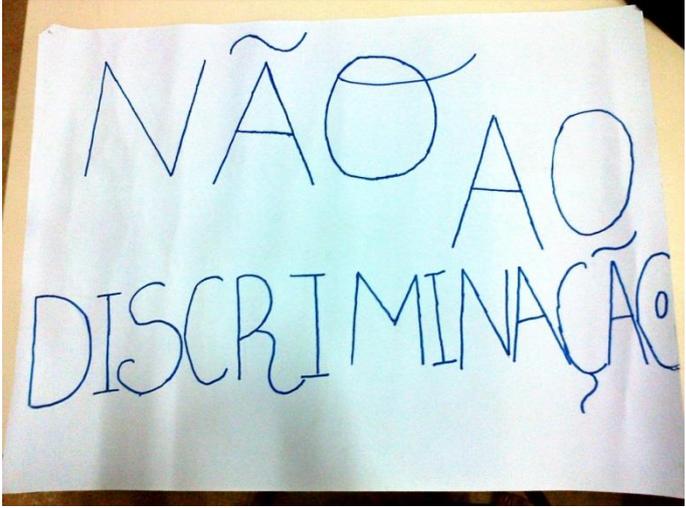
Em seguida pedi para que os alunos confeccionassem um cartaz sobre o que eles entenderam do filme e apresentassem. Vejamos o que cada equipe produziu:

TABELA 2 – Trabalho produzido pela primeira equipe.

Cartaz que a equipe produziu:	Comentários da equipe sobre o cartaz:
 <p>Não importa cor, não importa cor, o que é importante é se da valor!!!</p> <p>Below the text is a simple drawing of a stick figure with a round head, two antennae-like protrusions, and a smiling face.</p>	<p>“A gente quis dizer que não importa a condição social da pessoa, o importante é o respeito, pois somos todos seres humanos.”</p>

O cartaz produzido pelo primeiro grupo traz a seguinte frase: “não importa a classe, não importa a cor, o que importa é se dar valor”. Essa frase reproduz um discurso de democracia racial, ou seja, a ideia de que todos na sociedade, independente da cor, vivem em harmonia. Segundo Silva (2006, p.222), “é comum ouvirmos que somos todos brasileiros, todos iguais perante a lei, cidadãos de direitos e deveres”. No entanto, sabemos que a cor e a classe são duas características que dizem muito sobre as condições sociais das pessoas, pois no Brasil uma pessoa negra e que está nas classes sociais mais baixas com certeza não deve ter acesso à maioria dos seus direitos.

TABELA 3 – Trabalho produzido pela segunda equipe.

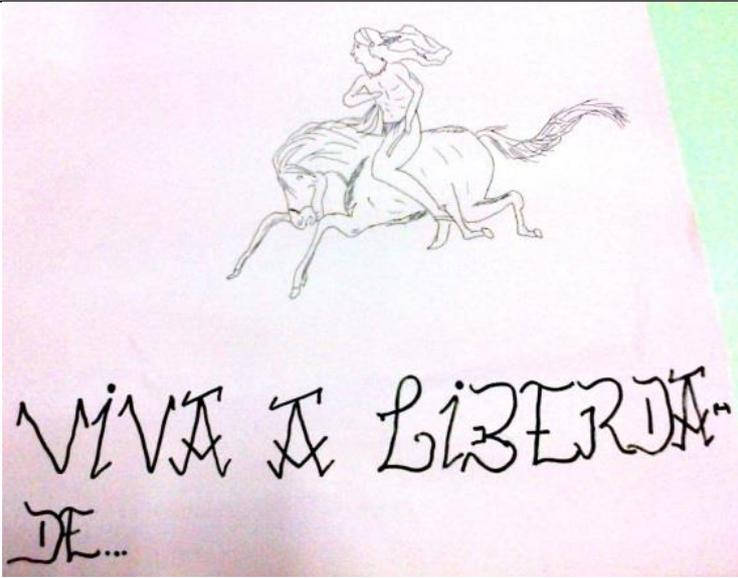
Cartaz que a equipe produziu	Comentários da equipe sobre o cartaz.
	<p>”Escolhemos essa frase porque essa é a ordem que tem que ser dada a sociedade, não a discriminação, se isso fosse feito, o mundo seria bem melhor”.</p>

O cartaz produzido pelo segundo grupo traz a seguinte expressão: “Não a discriminação” e o aluno que apresentou fez o seguinte comentário: “Escolhemos essa frase porque essa é a ordem que tem que ser dada a sociedade, não a discriminação, se isso fosse feito, o mundo seria bem melhor”.

Sabemos que o combate à discriminação é algo bastante importante, no entanto, não é apenas uma ordem ou um decreto que vai mudar o pensamento das pessoas, mas sim algo mais profundo que atente para o respeito, a aceitação, a valorização e o reconhecimento da diversidade e pluralidade que a nossa população possui, como nos explica Brandão (2006, p.19), “não é por meio de um decreto que vamos mudar uma mentalidade que negativiza e subalterniza os africanos e afro-

brasileiros, mas sim com uma mudança de atitude, de visão e de percepção do mundo.”

TABELA 4 – Trabalho produzido pela terceira equipe.

Cartaz que a equipe produziu	Comentários da equipe sobre o cartaz.
	<p>“O nosso cartaz representa a liberdade porque os negros sempre foram muito discriminados, eles merecem ser livres nos dias de hoje, para não sofrerem discriminação como a menina do filme.”</p>

O terceiro grupo produziu um cartaz com a seguinte frase: “Viva a liberdade...” e durante a apresentação um aluno afirmou o seguinte: “O nosso cartaz representa a liberdade porque os negros sempre foram muito discriminados, eles merecem ser livres nos dias de hoje, para não sofrerem discriminação como a menina do filme.” Ou seja, o grupo entendeu que a liberdade do povo negro não aconteceu com o fim da escravidão, pois a população negra continua sofrendo com a discriminação racial.

Através desta oficina percebe-se que há uma contradição entre o discurso dos alunos e as atitudes deles, pois durante as apresentações os alunos afirmaram que “o importante é o respeito”, “somos todos seres humanos”, ou seja, o politicamente correto, no entanto, os comentários que estes mesmos alunos fizeram durante o filme assim como as brincadeiras com os colegas revelam que o racismo está sim presente na escola.

3.3 Oficina 2: “Termos e conceitos.”

No dia 09 de março de 2015 realizamos a segunda oficina com o tema “Termos e Conceitos”, o objetivo da oficina foi discutir o significado de palavras e expressões que estão presentes nas discussões sobre racismo e discriminação racial no Brasil, pois ainda existem muitas dúvidas com relação ao verdadeiro significado de alguns desses termos, fazendo com que muitos deles sejam usados de forma inadequada.

TABELA 5 – Plano de intervenção segunda oficina.

1º momento	Pedir para que os alunos em equipe produzam um texto que fale dos termos.
2º momento	Apresentar o texto.
3º momento	Apresentação de slides com o significado dos termos.
4º momento	Pedir para que os alunos façam um novo texto com base no aprendido.

Iniciei a oficina pedindo para que os alunos se dividissem em equipes e que cada equipe escrevesse na concepção deles o significado dos seguintes termos: raça, etnia, racismo, etnocentrismo, preconceito racial e discriminação racial, em seguida eu apresentei o significado de cada um desses termos baseada na pesquisadora Nilma Lino Gomes e após isso pedi para que os alunos reescrevessem o significado desses termos com base no aprendido.

A primeira equipe ficou com a palavra **raça** e eles produziram o seguinte texto:

Não depende da cor

Não depende da classe

Não depende da raça

O que eu quero é atitude

E não desgraça.

Percebe-se que os alunos não souberam explicar de forma clara o significado do termo. Entender o significado de raça e de que forma ele está presente na realidade da nossa sociedade é algo extremamente importante para entender as relações étnico-raciais, entretanto os alunos tiveram dificuldade para definir esse termo demonstrando que ele não está presente no cotidiano da escola.

Vejam o que a pesquisadora Nilma Lino Gomes nos diz sobre o termo raça:

[...] as *raças* são, na realidade, construções sociais, políticas e culturais produzidas nas relações sociais e de poder ao longo do processo histórico. Não significam, de forma alguma, um dado da natureza. É no contexto da cultura que nós aprendemos a enxergar as *raças*. Isso significa que, aprendemos a ver negros e brancos como diferentes na forma como somos educados e socializados a ponto de essas ditas diferenças serem introjetadas em nossa forma de ser e ver o outro, na nossa subjetividade, nas relações sociais mais amplas. Aprendemos, na cultura e na sociedade, a perceber as diferenças, a comparar, a classificar. Se as coisas ficassem só nesse plano, não teríamos tantos complicadores. O problema é que, nesse mesmo contexto não deixamos de cair na tentação de hierarquizar as classificações sociais, raciais, de gênero, entre outras. Ou seja, também vamos aprendendo a tratar as diferenças de forma desigual. [...] (GOMES, 2005, p. 49)

O que os alunos produziram após a explicação do termo:

Raça não é viver

Raça não é dizer

Não gosto de você

Raça é liberdade

Que amor você

Aqui se percebe que mesmo após a apresentação do significado do termo, os alunos não conseguiram definir a palavra raça, isso mostra que para os alunos realmente aprenderem é necessário que estes termos e conceitos estejam constantemente presentes no dia a dia da escola para que os alunos possam cada vez mais reforçar seus conhecimentos acerca das relações étnico-raciais no Brasil e assim possam entender a discriminação racial.

A segunda equipe ficou com o termo **etnia** e eles produziram o seguinte texto:

“Um grupo de raças distintas, judeus, índios e outros tipos raciais com gostos e linguagens iguais”.

Texto da pesquisadora Nilma Lino Gomes sobre etnia:

[...] o uso do termo etnia, ganhou força para se referir aos ditos povos diferentes: judeus, índios, negros, entre outros. A intenção era enfatizar que os grupos humanos não eram marcados por características biológicas herdadas dos seus pais, mães e ancestrais, mas, sim, por processos históricos e culturais. (GOMES, 2005, p. 50)

O que os alunos produziram após a apresentação do texto da autora:

“Grupo que se identifica uns com os outros independente de raça ou cor, tipo cultural.”

Esse grupo já conhecia o significado do termo etnia e a explicação ajudou ainda mais o grupo a entender esse termo.

A terceira equipe ficou com o termo **racismo** e produziram o seguinte texto:

“O racismo são coisas muito comum na sociedade, para alguns levam isso como uma brincadeira, outros como uma forma totalmente diferente.”

Aqui os alunos reconhecem que o racismo é algo frequente na sociedade e que ele acontece de diferentes formas inclusive camuflado na forma de brincadeiras, porém eles não souberam definir de forma clara o que é o racismo.

Vejamos a definição de racismo de acordo com a pesquisadora Nilma Lino Gomes:

O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira. (GOMES, 2005, p. 52)

O que os alunos produziram após a explicação:

“O racismo é uma discriminação racial. Muitas pessoas não se consideram racistas, mas na realidade eles acabam promovendo atos racistas, que na sua percepção de vista passam despercebidas.”

Aqui os alunos perceberam que há uma relação entre o racismo e a discriminação racial e que embora muitas pessoas não se assumam como racistas elas acabam cometendo atos racistas de forma camuflada.

A quarta equipe ficou com o termo **etnocentrismo** e a princípio eles não conheciam esse termo e por isso não conseguiram produzir nenhuma espécie de texto.

Texto da pesquisadora Nilma Lino Gomes:

[...] O etnocentrismo é um termo que designa o sentimento de superioridade que uma cultura tem em relação a outras. Consiste em postular indevidamente como valores universais os valores próprios da sociedade e da cultura a que o indivíduo pertence. Ele parte de um particular que se esforça em generalizar e deve, a todo custo, ser encontrado na cultura do outro. (GOMES, 2005, p. 53)

O que os alunos produziram após a explicação:

“É uma pessoa sentir-se superior ao outro. É uma diferença de religião; em que tem importância em ser uma religião diferente e superior a dos outros. É um branco sentir-se superior ao negro; e uma forma de expressar-se que cada um tem suas diferenças e costumes.”

Nesse caso os alunos entenderam o significado do termo etnocentrismo e até deram exemplos como uma religião querer ser superior as outras ou um branco se sentir superior ao negro.

A quinta equipe ficou com o termo **preconceito racial** e a princípio eles não conseguiram produzir nada sobre esse termo.

Texto da pesquisadora Nilma Lino Gomes:

O preconceito é um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo. Esse julgamento prévio apresenta como característica principal a inflexibilidade, pois tende a ser mantido sem levar em conta os fatos que o contestem. Trata-se do conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos. O preconceito inclui a relação entre pessoas e grupos humanos. Ele inclui a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e também do outro. (GOMES, 2005, p. 54)

O que os alunos produziram após a explicação:

“É julgar antecipadamente uma pessoa sem ao menos conhecê-la. É privar pessoas de cor diferente de certos atos.”

Nesse caso os alunos entenderam o significado do termo, pois podemos perceber que há semelhanças entre o texto da autora e o texto dos alunos, além disso, eles compreenderam que o preconceito racial pode levar a discriminação racial, ou seja, impedir que pessoas negras sejam incluídas em algo somente por causa da cor da pele.

A sexta equipe ficou com o termo **discriminação racial** e produziram o seguinte texto:

“Quando uma pessoa é discriminada, a raça dela fica muito agitada, quem discrimina uma pessoa, é porque não vale nada, porque não sabe o valor da sua própria raça. Se cristo fez assim, assim temos que ser, vamos se unir para combater a discriminação para que um dia podemos ser todos irmãos.”

Aqui a equipe não consegue definir o termo discriminação racial de forma clara, no entanto, se percebe que os alunos veem a discriminação racial como algo ruim que precisa ser combatido.

Texto da pesquisadora Nilma Lino Gomes:

A palavra discriminar significa “distinguir”, “diferençar”, “discernir”. A discriminação racial pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito. Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a adoção de práticas que os efetivam. (GOMES, 2005, p. 55)

O que os alunos produziram após o texto:

“É quando uma pessoa discrimina a outra pessoa como ela é, ou se tem alguma deficiência física, discrimina ela da maneira que ela é, ou no modo que ela se veste e outros.”

Aqui os alunos entenderam que a discriminação acontece quando alguma característica da pessoa não é aceita, eles citaram pessoas que possuem alguma deficiência física e o modo de se vestir, mas não se referiram à questão da cor.

Através desta oficina podemos perceber que muitos alunos tinham dúvida ou não conheciam alguns desses termos e conceitos que são tão importantes, pois são a base para entender a discriminação racial no Brasil. No entanto após a apresentação de slides com o significado desses termos baseada na pesquisadora Nilma Lino Gomes, houve um significativo avanço dos alunos, muitos passaram a

compreender o significado de cada palavra, isso mostra que é possível fazer com que os alunos entendam as relações étnico raciais no Brasil. Mas por outro lado houveram alguns grupos que mesmo após a explicação de cada termo e conceito, continuaram tendo dificuldade para definir algumas palavras, demonstrando que é preciso um esforço e uma dedicação maior para que os alunos consigam absorver completamente o assunto.

3.4 Oficina 3: “Proposta de combate ao racismo na escola.”

No dia 16 de março de 2015 realizamos a terceira oficina, o objetivo foi identificar formas de racismo na escola e criar propostas para combatê-lo.

TABELA 6 – Plano de intervenção terceira oficina.

1º momento	Apresentar slides sobre racismo e estigma da cor negra com textos e imagens.
2º momento	Pedir para que os alunos relatem se na escola eles notam situações de estigma e racismo contra o negro.
3º momento	Pedir para que proponham formas de combate ao racismo e a estigmatização do negro na escola.

Iniciei a oficina com uma apresentação de slides mostrando diversas situações de racismo que acontecem no dia a dia da nossa sociedade. Primeiramente apresentei algumas expressões que usamos no nosso cotidiano e que denotam racismo, mas que sempre passam despercebidas, como por exemplo, “serviço de preto”, “a coisa tá preta” e “mercado negro” que são expressões que associam a cor preta a algo negativo e “cabelo de bombril” e “cabelo duro” que expressam preconceito com o cabelo afro. Também mostrei diversos apelidos que são dados a pessoas negras como “tição”, “urubu”, “lama de poço” e “carvão”. Enquanto falava sobre esses apelidos um aluno exclamou: “mas esses apelidos é

apenas um carinho”, isso mostra que muitas vezes expressões racistas são camufladas sob a ideia de que são carinhosas ou engraçadas.

A seguir apresentei uma situação de cunho racista bem comum no nosso cotidiano que é associar o negro ao macaco e mostrar bananas para uma pessoa negra como uma forma de ofendê-la. Nesse momento vários alunos lembraram de várias situações como essa que foram amplamente divulgadas pela mídia como o caso dos jogadores de futebol Daniel Alves e o goleiro Aranha, que sofreram racismo durante jogos de futebol.¹

Continuei a apresentação mostrando como o racismo também está presente na mídia através de estereótipos que desqualificam o negro. Mostrei exemplos que mostravam como os super-heróis, Deus e os anjos, que são vistos pela sociedade como algo positivo e que representa o bem, são sempre representados pela cor branca, enquanto os monstros, os vilões e os demônios, que estão sempre relacionados a algo negativo, são representados pela cor preta. Também apresentei exemplos de personagens de programas e novelas da televisão brasileira que associam homens negros à criminalidade, mulheres negras a trabalhos menos remunerados como o trabalho doméstico, e mulheres negras à sexualidade e um aluno deu o exemplo da globeleza².

Após a apresentação dos slides pedi para que cada aluno relatasse em uma folha de papel se eles identificam alguma forma de racismo na escola e que também apontassem possíveis soluções.

Dentre as formas de racismo, três alunos disseram que ele se dá sob a forma de “brincadeiras de mau gosto”, mas nenhum aluno deu exemplos de como acontece essas brincadeiras. Onze alunos afirmaram que eles percebem o racismo na escola sob a forma de apelidos e citaram como exemplos: nego véi, fuscão preto,

¹ Daniel Alves é brasileiro e joga pelo time de futebol Barcelona da Espanha. Durante uma partida um torcedor de um time adversário jogou uma banana em direção ao jogador. O goleiro Aranha é brasileiro e atua pelo time de futebol Santos, durante uma partida de futebol torcedores de um time adversário gritaram a palavra macaco em direção ao goleiro.

² A mulata Globeleza é uma personagem promovida pelo canal brasileiro de televisão Rede Globo durante o período de carnaval, no qual a referida emissora promove sua cobertura das festividades sob o nome de Globeleza. Tal personagem surgiu no início da década de 1990 e consiste numa mulata sambando ao som do tema global para o carnaval daquele ano, exibida em vinhetas ao longo da programação diária. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Globeleza>. Acessado em: 29/10 de 2015.

escuridão, neguinho, negão, escurinho, macaco, carvão, tizil, cabelo de fogo, tição, chocolate, fugarero, cabelo ruim, cabelo duro, cabelo de Bombril.

Apesar de a maioria dos alunos afirmarem na análise diagnóstica que nunca foram vítimas ou que nunca presenciaram nenhum tipo de discriminação, nesta oficina a maioria deles relatou o racismo sob a forma de apelidos que acontece na escola e que pode ter como consequência atitudes discriminatórias. Uma das formas do racismo se perpetuar na escola é através do universo semântico pejorativo, vejamos como ele acontece:

Situações nas quais os alunos negros são tratados por seus amigos e/ou professores com termos preconceituosos, negativos ou supostamente positivos, tais como: “neguinho”, “a coisa está preta”, “humor negro”, “carvãozinho” etc. Dissimulações, apelidos e ironias encobrem um preconceito latente e também favorecem a interiorização/cristalização de idéias preconceituosas e atitudes discriminatórias. (BRANDÃO, 2006, p.88)

Segundo Santana (2010, p.20), “tratamentos como “neguinha”, “moreninha”, “loirinha”, “pretinha” descaracterizam as crianças e as deslocam para dimensões de aparência física somente. Perde-se o que é do sujeito, da pessoa.” Por isso é importante que todas as crianças sejam chamadas pelos seus nomes e não por características físicas.

Dentre as possíveis soluções os alunos citaram: palestras, aulas, leis, projetos, mobilizar a escola, falar mais sobre o assunto e que deve-se procurar a direção do colégio para punir o infrator. Ou seja, os próprios alunos reconheceram a necessidade de se discutir o racismo na escola e quando eles afirmam que é necessário falar mais sobre o assunto é sinal de que a escola não está cumprindo o seu papel de discutir e combater o racismo na sala de aula.

Também tiveram seis alunos que afirmaram que nunca viram racismo na escola, mas que ele existe, também afirmaram que viram o racismo em outros lugares como na televisão, em outras escolas, em jornais e rádios.

3.5 Oficina 4: “A história da escravização em Redenção.”

No dia 6 de abril de 2015 realizamos a quarta oficina, o objetivo foi fazer com que os alunos pudessem refletir e conhecer vários aspectos da escravização na cidade de Redenção, tendo em vista que é importante que os alunos conheçam vários pontos de vista sobre a história da escravização nessa cidade, que vá além do senso comum, para que assim eles possam formar um pensamento crítico acerca da realidade que os cerca, pois isso é extremamente importante para que eles reflitam sobre a discriminação racial.

TABELA 7 – Plano de intervenção quarta oficina.

1º momento	Em equipe pedir para os alunos expressarem através da arte plástica a história da abolição em redenção em cartolina.
2º momento	Apresentar slides com versão crítica sobre a abolição.
3º momento	Fazer revisão das ideias na cartolina.

Primeiramente pedi para que a turma se dividisse em equipes e que cada equipe representasse em uma folha a concepção deles sobre a abolição da escravização na cidade de Redenção. Vejamos o que cada equipe produziu:

Equipe1:

“Redenção foi a primeira cidade a abolir a escravidão, libertar escravos. Sabemos que alguns escravos trabalhavam pesado, e caso se negassem a trabalhar eram levados para o tronco e apanhavam. Alguns chegavam a morrer. Eles viviam em senzalas, lugares onde não havia saneamento básico, onde a alimentação era precária. Eles comiam restos dos seus patrões, e além de passarem por tudo isso eram vendidos como bichos.”

Equipe2:

“Redenção foi a primeira cidade a libertar os escravos pela princesa Izabel, desde essa época acabou a escravidão.”

FIGURA 1 – Desenho produzido pela segunda equipe.



Equipe 3:

“Desde nossos antepassados temos uma ideia conservadora que somos descendentes apenas dos senhores de engenho e negamos nossa africanidade. Hoje em Redenção temos não só a cidade que libertou os escravos mas também a UNILAB³ que uniu várias nações diferentes do passado onde havia escravidão.”

³ UNILAB é a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, está localizada na cidade de Redenção que fica na região do maciço de Baturité no interior do Ceará. Possui cooperação com os países de língua oficial portuguesa que se encontram no continente africano e no Timor Leste.

FIGURA 2 – Desenho produzido pela terceira equipe.



Equipe 4:

“A primeira cidade brasileira a libertar os escravos foi uma pequena cidade do interior do estado do Ceará chamada Redenção onde havia centenas de escravos vindos de alguns países africanos.”

FIGURA 3 – Desenho produzido pela quarta equipe.

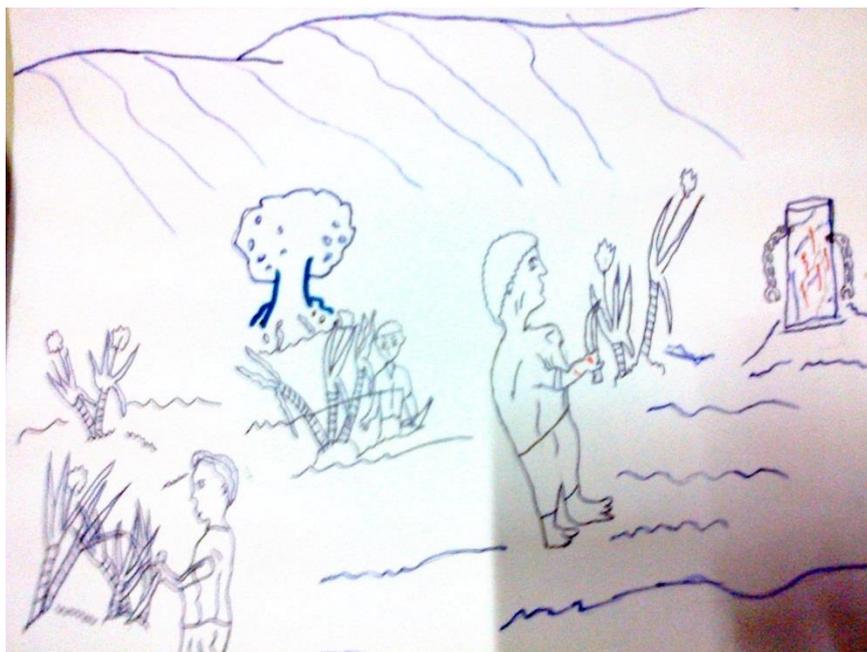


FIGURA 4 – Desenho produzido pela quarta equipe.



Percebe-se que os alunos conhecem poucos aspectos da escravização, a não ser o fato de que Redenção foi a primeira cidade a aboli-la e que a princesa Isabel foi quem libertou os “escravos” que vieram de alguns países africanos. Os desenhos produzidos pelos alunos mostram uma tendência em associar os escravizados aos castigos, às correntes e ao tronco, no entanto nenhum grupo relatou nenhum tipo de resistência dos escravizados. Segundo Brandão (2006, p. 52), “[...] No imaginário popular, grilhões e correntes aparecem como símbolo da escravização de pessoas em nosso país. Se houve tanta necessidade de repressão, é porque houve insubordinação ao regime escravocrata”. Ou seja, se os escravizados foram castigados foi porque eles resistiram e não se conformaram com o regime escravocrata.

Alguns desenhos também mostram a relação entre os escravizados e o trabalho agrícola, mas nenhuma equipe retratou a relação do escravizado com seu cotidiano, sua cultura, seus festejos ou religiosidade.

Após cada equipe produzir os cartazes, eu iniciei uma apresentação de slides mostrando outros aspectos da escravização no Brasil, no Ceará e em Redenção. Como tivemos bastante dificuldade para encontrar livros que falassem sobre a

escravização especificamente na cidade de Redenção, escolhemos como referência o livro “*Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos.*”⁴ dos pesquisadores Kambengele Munanga e Nilma Lino Gomes e o artigo “*Negros no Ceará*”⁵ do pesquisador Eurípedes Antonio Funes.

Primeiramente mostrei as contribuições que os africanos escravizados deixaram para a nossa sociedade nos planos econômico, demográfico e cultural. Também mostrei que não existiam escravos, mas sim seres humanos que foram escravizados, e que nem todo escravo era negro assim como nem todo negro era escravo.

Em seguida expliquei que embora o estado do Ceará e principalmente a cidade de Redenção não tenham tido um número expressivo de escravizados, eles nos deixaram seus descendentes e por isso é falsa a afirmação de que nesta cidade não tem pessoas negras. Após isso, mostrei que os escravizados em nenhum momento foram passivos e que tiveram diversas formas de resistência. Citei como exemplos de resistência a religiosidade, a capoeira e as artes.

Também mostrei para eles que embora a escravização tenha sido abolida, a população negra no Brasil se encontra, em sua grande maioria, nas classes sociais mais baixas e ainda está privada da maioria dos seus direitos e isso é consequência da discriminação racial.

Após isso pedi que cada equipe fizesse a revisão das ideias sobre a escravização em Redenção com base no que foi apresentado. Vejamos o que cada equipe produziu:

Equipe 1:

Os negros contribuíram para o crescimento econômico do país ajudando com a mão de obra trabalhando na lavoura, cana de açúcar. Os escravos resistiram a

⁴MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos.** 2ªed. São Paulo: Global, Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, 2006.

⁵ FUNES, E. A. Negros no Ceará. In: Simone de Souza (org.). **Uma nova história do Ceará.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. P. 103-132

escravidão criando os quilombos, lugares onde eles se reuniam em união para lutar pelos seus direitos, nas fazendas eles resistiam com a luta, eles contribuíram com os estudos, com as danças (capoeira, música, religião, umbanda, candomblé.).

Podemos dizer que a escravidão realmente acabou? A escravidão pode ter sido abolida pode até ser que não tenha mais negros presos em senzalas, mais infelizmente os negros vivem em lugares mais pobres do nosso país, isso também é viver em escravidão.

Equipe 2:

Os negros tiveram resistência, eles contribuíram socialmente, culturalmente, economicamente, os negros apesar de ter sido libertado pela a princesa Izabel eles continua na classe mais baixa, apesar que eles foram libertados, eles não podiam frequentar escolas, trabalhar, eles dependiam da sociedade.

Equipe3:

Um pouco sobre a escravidão:

Serviram como força de trabalho a base econômica, ajudaram no povoamento.

Cultura: língua (acarajé, bunda, cacimba), Religião (candomblé, umbanda), arte (músicas, tambores, cuícas), Música (samba, bumba meu boi).

Nem todos os escravos eram negros, nem todos negros eram todo tempo escravos.

Forma resistência: quilombo (reunião fraterna e livre, uma forma de resistir ao regime.)

Depois da escravidão eles ficaram excluídos da sociedade.

Equipe 4:

Muitos negros foram escravizados fazendo com que essa escravização aumentasse o poder econômico de seus patrões. Os escravos tinham baixo rendimento de vida, ou seja, não tinham dinheiro para ter uma condição de vida melhor. Os negros nos deixaram a capoeira que podemos usá-la como uma dança e

também seus costumes. Os negros que vieram para o Brasil não eram escravos e sim escravizados.

Aqui percebe-se a grande contribuição que esta oficina deixou para a turma, pois eles passaram a ver a escravização com outros olhos, entenderam as contribuições que os escravizados nos deixaram nos campo econômico e cultural, aprenderam que os escravizados tiveram sim muita resistência e que muita coisa ainda precisa ser feita tendo em vista que a população negra ainda precisa ter acesso a muitos dos seus direitos.

IMAGEM 2 – Alunos e professora da turma que colaborou com a pesquisa.



Fonte: arquivo pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Este trabalho intitulado “Práticas pedagógicas de combate à discriminação racial: uma pesquisa-ação numa escola de Redenção-ce.”, teve como questão norteadora analisar até que ponto algumas intervenções pedagógicas realizadas em uma escola de ensino médio podem transformar a realidade escolar no tocante a discriminação racial. A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação que se deu a partir de uma análise diagnóstica com professores e alunos e quatro oficinas pedagógicas com uma turma do 3º ano.

Diante de todas as informações obtidas através desta pesquisa percebe-se a necessidade da inserção de assuntos relacionados à discriminação racial no ambiente escolar para que alunos e professores possam perceber os danos que essa prática traz a comunidade escolar em si e também a toda sociedade.

Para que isso aconteça primeiramente é necessário que os professores conheçam o tema de forma mais aprofundada para que assim ele possa ser trabalhado na sala de aula e principalmente para que os professores possam promover a diversidade, a inclusão e o respeito às diferenças na escola.

A análise diagnóstica desta pesquisa feita com os professores mostra que eles reconhecem que a discriminação racial é algo bastante prejudicial à vida escolar dos alunos, no entanto, algumas questões como a trajetória histórica do negro e a cultura africana e afro-brasileira, que são elementos bastante importantes para a valorização da população negra são pouco trabalhadas na sala de aula.

A análise diagnóstica feita com os alunos também indicou que eles veem a discriminação racial como algo prejudicial à vida escolar embora a maioria tenha afirmado que nunca sofreu ou presenciou nenhum tipo de discriminação. A análise diagnóstica também mostrou que os alunos reconhecem que a sociedade brasileira é racista, no entanto eles só citaram casos da mídia, nenhum deu exemplo de algum caso de racismo na escola ou na própria comunidade. Isso mostra que os alunos não conseguiram enxergar a discriminação racial ou o racismo no seu próprio cotidiano demonstrando que o racismo acontece na maioria das vezes de forma velada.

O objetivo das oficinas foi inserir assuntos relacionados à discriminação racial no cotidiano da turma, para que assim eles pudessem refletir sobre o tema, reconhecer se existe ou não discriminação racial na escola e principalmente ver os malefícios que essa prática traz e criar formas para combatê-la.

Durante as oficinas os próprios alunos cometeram práticas racistas e mostraram que conheciam pouco sobre a discriminação racial, pois desconheciam alguns termos e conceitos relacionados a esse tema. Através das oficinas também foi possível perceber que muitos alunos reproduziram o discurso da democracia racial, além disso, eles conheciam poucos aspectos da escravização no Brasil, que é um assunto bastante importante para entender as relações raciais na nossa sociedade.

No entanto, cada oficina deixou uma grande contribuição para a turma, pois após as intervenções os alunos passaram a enxergar as diversas formas que o racismo pode acontecer na escola e na sociedade em geral e como ele pode causar práticas discriminatórias. Os alunos também passaram a conhecer diversos aspectos da discriminação racial e os danos que ela traz a população negra e perceberam a necessidade de discutir esse tema na comunidade escolar. Através das intervenções a turma pode conhecer melhor a escravização e as diversas contribuições da população negra para a nossa sociedade.

Todos estes elementos aqui apresentados mostram que através destas oficinas os objetivos foram alcançados, pois houve uma notável transformação na forma que os alunos enxergavam o racismo, a população negra brasileira e principalmente a discriminação racial, pois eles passaram a conhecer melhor cada um desses elementos e conseqüentemente entenderam melhor porque existem tantas desigualdades entre brancos e negros.

A partir disso nota-se a importância de se discutir os diversos problemas que a população negra enfrenta principalmente a discriminação racial que impede que homens e mulheres negros tenham acesso ao mercado de trabalho, à educação e a uma vida digna; pois ficar calado e fingir que esse problema não existe não vai resolver essa situação, por isso é necessário falar mais sobre esse assunto para entendê-lo melhor e assim criar formas para combatê-lo.

Também é visível a importância da escola como um local em que se pode ensinar a população a enfrentar diversos problemas sociais, entre eles a discriminação racial. Para isso a escola deve promover a diversidade, o respeito às diferenças e a inclusão de todos, independente da cor, pois é na escola que as crianças e os jovens começam a formar seu pensamento, sua personalidade e sua visão de mundo, por isso é o lugar ideal para combater o racismo e a discriminação racial.

Para que isso possa acontecer a escola deve se preparar qualificando seus professores para que eles possam conhecer melhor a história e cultura africana e afro-brasileira e assim eles possam aplicar a lei 10.639/2003 com qualidade; combatendo casos de discriminação racial na escola; valorizando a estética negra; e inserindo livros didáticos e outros materiais pedagógicos que valorizem a população negra brasileira.

REFERÊNCIAS

- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio – Brasília: Líber Livro Editora, 2007.
- BRANDÃO, Ana Paula (Coord.). **Modos de Ver**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria Geral. **Índice de vulnerabilidade juvenil à violência e desigualdade racial 2014**. Secretaria Nacional da juventude, Ministério da Justiça e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Presidência da República, 2015.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e pesquisa**, 2005. p. 483-502.
- GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Brasil. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº: 10639**. Brasília: Ministério da educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- GOMES, Nilma Lino. Educação, relações étnico-raciais e a lei nº 10.639/03: Breves reflexões. In: Brandão, Ana Paula (org.). **Modos de fazer**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. p. 19-25.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. Editora 34. São Paulo: 2002.
- IPEA. **Situação social da população negra por estado**. Secretaria de políticas de promoção de igualdade racial. Brasília, 2014.
- MUNANGA, Kabengele. Educação e diversidade cultural. In: OLIVEIRA, Iolanda de (org.). **O negro na contemporaneidade e suas demandas**. Cadernos PENESB – Periódico do Programa de Educação sobre o negro na sociedade Brasileira – FEUFF . Rio de Janeiro: EDUFF, 2010 P. 37-54.
- MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos**. 2ªed. São Paulo: Global, Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, 2006.
- MUNANGA, Kambengele. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. In: OLIVEIRA, Iolanda de (org.). **Especial Curso Erer**. Cadernos PENESB, – Periódico do Programa de Educação sobre o negro na sociedade Brasileira – FEUFF. Rio de Janeiro: Editora Alternativa, 2010. P.169-203.
- PIMENTA, Selma Garrido. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. **Educação e Pesquisa**, 2005. p. 521-539.

SANTANA, Patrícia Maria de Souza. “Um abraço negro”: Afeto, cuidado e acolhimento na educação infantil. In: BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Modos de brincar**: caderno de saberes, fazeres e atividades. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. Selvagens, exóticos, demoníacos: idéias e imagens sobre uma gente de cor preta. **Estudos afro-asiáticos**, 2002. p. 275-289,

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 2001.

SECAD. **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Brasília: Secad, 2006.

SILVA, R. A. Algumas considerações sobre o racismo brasileiro e suas consequências. In: VASCONCELOS, J. G. (org.). **Entre tantos: diversidade na pesquisa educacional**. Fortaleza: UFC, 2006. P. 213- 225.

TELLA, M. A. P. (2006). Estigmas e desqualificação social dos negros em São Paulo e Lisboa. **Ponto-e-vírgula**, 2008. p. 152-169.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**, 2005. p. 443-466.

APÊNDICES.**Apêndice 1 – Questionário aplicado com alunos e professores.****QUESTIONÁRIO REFERENTE AO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) DE RUTHE DE PAULA DIAS.****TEMÁTICA: DISCRIMINAÇÃO RACIAL**

SEXO: F() M()

IDADE: _____

PROFESSOR(A) () ALUNO(A) ()

COR/RAÇA: ()BRANCA, ()PRETA, ()PARDA, ()AMARELA, ()INDÍGENA

()OUTROS _____

1. VOCÊ JÁ PRESENCIOU OU FOI VÍTIMA DE ALGUMA ATITUDE DISCRIMINATÓRIA? () SIM () NÃO

SE A RESPOSTA FOR SIM DESCREVA O QUE OCORREU.

- 1.1 VOCÊ TOMOU ALGUMA ATITUDE DIANTE DESSE ATO DE DISCRIMINAÇÃO? ()SIM ()NÃO. SE SIM, O QUE VOCÊ FEZ?

- 1.2 NA SUA OPINIÃO, ESSE ATO DE DISCRIMINAÇÃO FOI:

() SUTIL/ CAMUFLADO () DIRETO/ VIOLENTO

- 2.NO BRASIL VOCÊ CONSIDERA QUE A MAIOR DISCRIMINAÇÃO É;

()POR CAUSA DA COR DA PELE.

() POR CAUSA DA CONDIÇÃO SOCIAL

() OUTRA CAUSA _____

2. VOCÊ ACHA QUE A DISCRIMINAÇÃO RACIAL PODE AFETAR O DESEMPENHO ESCOLAR DE ALUNOS? () SIM () NÃO

3.A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA POPULAÇÃO NEGRA É ABORDADA NA ESCOLA?

() SIM () NÃO. SE SIM DE QUE FORMA?

4.A CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA É ABORDADA NA ESCOLA? () SIM () NÃO. SE SIM DE QUE FORMA?

5.VOCÊ ACHA NECESSÁRIO ESTUDAR A CULTURA AFRO-BRASILEIRA? () SIM () NÃO. POR QUÊ?

6.VOCÊ CONSEGUE IDENTIFICAR ALGUM ASPECTO DA CULTURA AFRICANA NA SUA SOCIEDADE? ()SIM ()NÃO. SE SIM, QUAIS?

7. VOCÊ ACHA QUE A SOCIEDADE BRASILEIRA É RACISTA? JUSTIFIQUE SUA RESPOSTA.

Apêndice 3 – termo de consentimento do responsável pela escola.

TERMO DE CONSENTIMENTO.

Eu, Rebeca de Alcântara e Silva, na condição de orientadora do trabalho de conclusão de curso da/o aluna/o

Ruthe de Paulo Dias

Solicito, mui respeitosamente, que o responsável pela escola de ensino médio Padre Saraiva Leão assine o presente termo de consentimento nos autorizando a publicar o nome da instituição escolar pesquisada. Tal conteúdo será parte do TCC da/o referida/o aluna/o e vinculados em possíveis artigos científicos.

Maia Zeneida de Oliveira

Assinatura do responsável.